



O BILHETE ORIENTADOR COMO ÍNDICE DE RASURA OU DE ESCRITA? QUAIS SÃO OS MOVIMENTOS PROVOCADOS POR ESSE INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NA REESCRITA DO TEXTO DO ALUNO?

Fernanda Tais Brignol Guimarães¹
Vinícius Oliveira de Oliveira²

Resumo: *Buscamos, neste estudo, analisar o processo de escrita e reescrita do artigo de opinião de uma aluna, permeado pela avaliação feita através do bilhete orientador do professor em um contexto de ensino/aprendizagem de Português como língua materna. Sob a ótica da linguística da enunciação, de Émile Benveniste, propomo-nos a analisar como se dá a constituição do sujeito através da escrita, ou seja, de que forma ocorre o processo de construção da subjetividade do sujeito-autor, processo este que é perpassado pelo discurso de muitos outros sujeitos. Para tanto, utilizamo-nos, também, de estudos realizados por Grespan (2010) e Endruweit (2006), entre outros autores, com o intuito de investigar como esse sujeito se mostra nas marcas linguísticas e nos rastros deixados nos rascunhos de seus textos. Como resultados da investigação proposta, apontamos o fato de que o bilhete orientador ora se mostra como índice de rasura, ora de escrita. Dessa forma, o uso desse instrumento de intervenção por parte do professor requer alguns cuidados, a fim de se evitar o risco de interferir na autoria do aluno, ou, então, de intimidá-lo com bilhetes muito extensos, ou com o uso de uma linguagem muito formal, contribuindo, assim, para o apagamento do sujeito-autor.*

Palavras-chave: *Linguística da enunciação, Subjetividade, Escrita e reescrita, Bilhete orientador.*

INTRODUÇÃO

Neste estudo, fazemos uso de lentes teóricas como a linguística da enunciação proposta por Émile Benveniste, bem como utilizamos, também, os estudos realizados por Grespan (2010) e Endruweit (2006), entre outros autores. Assim, pretendemos analisar o processo de escrita e reescrita do artigo de opinião de uma aluna, desenvolvido em um contexto de ensino/aprendizagem de Português como língua materna. Sob a ótica da linguística da enunciação, de Benveniste, propomo-nos a analisar como se dá a constituição do sujeito através da escrita. Segundo Endruweit (2006), há a possibilidade de pensar a escrita como subjetividade – grafada como Escrita. Dessa forma, pretendemos investigar como esse sujeito se mostra nas marcas linguísticas e nos rastros deixados nos rascunhos de seus textos; como percebemos o

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa (2012) e pós-graduação em nível de Especialização pela mesma universidade. Atualmente, é aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL (conceito – CAPES 5) e bolsista do(a) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

² Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Atualmente, é aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL (conceito CAPES 5) e bolsista do(a) CNPq



processo de construção da subjetividade do sujeito-autor, processo este que é perpassado pelo discurso de muitos outros sujeitos. O bilhete orientador se constitui como um índice de rasura ou de escrita? Como se mostra a subjetividade do sujeito-autor em um processo de escrita permeado pelo discurso presente nos bilhetes orientadores da reescrita? Quais as dificuldades enfrentadas pelo sujeito-autor durante a reescrita de seu texto através da avaliação presente nos bilhetes orientadores? Utilizando as classificações propostas pela crítica genética, quais os movimentos mais realizados pelo sujeito-autor: supressão, substituição, acréscimo ou rasura? O que o uso desses movimentos pode indicar com relação à Escrita/subjetividade do sujeito-autor?

O contexto de produção dos textos que constituirão o corpus da análise aqui apresentada constituiu-se da seguinte forma: através do estudo de diferentes gêneros discursivos, tendo como gênero central o artigo de opinião, criou-se um processo de interação escrita, constituída pela avaliação feita através do bilhete orientador do professor agindo sobre o processo de reescrita do texto dos alunos. Dessa forma, o processo de reescrita é perpassado pelo discurso do professor, presente nos bilhetes orientadores. O objetivo desse estudo recai sobre a análise do processo de escrita e reescrita do artigo de opinião, ou seja, serão analisados os rascunhos e a versão final do artigo de opinião de uma aluna da referida turma (para a qual utilizaremos o pseudônimo “Julia”).

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da teoria de Benveniste, sabemos que a enunciação considera a língua em movimento, ou seja, homens e mulheres falando inseridos em um contexto social. Para o autor, a linguagem faz parte da natureza do homem “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Considerando a tríade eu – tu - ele, proposta por Benveniste, temos um eu que fala a um tu sobre ele. Dessa forma, ao tomarmos o lugar de eu, estamos nos colocando no lugar de enunciador que, por sua vez, necessitará de um tu para existir. Nas palavras do autor: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 286). A subjetividade presente na linguagem cria na linguagem e fora dela, a categoria da pessoa.

O ele será a não-pessoa, por se tratar de algo fora do discurso: ele – pessoa/objeto/coisa da qual se fala. Dessa forma, o eu e o tu diferem-se do ele, pois o eu e o tu sempre designarão pessoas, sujeitos que se enunciam, já o ele está ausente e, portanto, não profere enunciação, razão pela qual o ele refere-se a não-pessoa.

Segundo Benveniste, não há como definir o eu, pois cada eu que se enuncia tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, portanto “não há conceito ‘eu’ englobando todos os eu que se enunciam a todo o instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito ‘árvore’ ao qual se reduzem todos os empregos individuais de árvore” (BENVENISTE, 2005, p. 288). Isto diz respeito aos



conceitos de Benveniste de signo pleno e signo vazio, sendo o signo pleno algo que já está preenchido, ou seja, este signo remete à imagem acústica do objeto presente na mente do locutor (como no caso do conceito árvore); já o signo vazio precisa ser preenchido, precisa ser referenciado (no caso dos pronomes eu/tu, pois não temos uma imagem acústica indicando cada eu/tu presentes em cada enunciação).

A enunciação cada vez é única, trata-se do colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Pelo ato de enunciação, o locutor põe a língua em movimento e a mobiliza por sua conta. Esse ato supõe a conversão individual da língua em discurso, em que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito” identificando-se como pessoa única, pronunciando eu e dirigindo-se a um tu.

Dessa forma, tem-se a questão de ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação.

Segundo Benveniste (2006):

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. (...) De modo semelhante distribuir-se-ão os termos ou formas que denominamos intimação: ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação. (...) Menos evidente talvez, mas também certo, é o fato de a asserção pertencer a este mesmo repertório. Em seu rodeio sintático como em sua entonação, a asserção visa a comunicar com certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou que a implicam, as palavras sim e não afirmando positivamente ou negativamente uma proposição. (BENVENISTE, 2006, p. 86).

Benveniste trata da noção de monólogo como uma variedade do diálogo, como sendo um diálogo interiorizado, que procede claramente da enunciação, pois é formulado em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Para o autor “seria preciso também distinguir enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.” (BENVENISTE, 2006, p. 90).

METODOLOGIA

A geração dos dados ocorreu em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Bagé, composta por 26 alunos, com idades entre 12 e 19 anos, durante os meses de maio e junho de 2011. Nesse momento, foi desenvolvido com a turma um projeto de letramento sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade de Bagé, oportunamente no ano em que a cidade comemorava os seus duzentos anos. O referido projeto envolveu o estudo de diferentes gêneros discursivos: entrevista, poema, lenda, charge, artigo de opinião, entre outros, e previu como objetivo final a elaboração de um jornal da turma, em que foram publicadas as produções dos alunos, visando a sua circulação social.



ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Analisaremos as versões reescritas do artigo de opinião da aluna Júlia, que se constituíram através da avaliação feita pelo bilhete orientador do professor. Neste momento é importante retomar as questões desta investigação, que são as seguintes:

1. Como se dá a constituição do sujeito através da escrita, como esse sujeito se mostra nas marcas linguísticas e nos rastros deixados nos rascunhos de seus textos? Como percebemos o processo de construção da subjetividade do sujeito-autor, processo este que é perpassado pelo discurso de muitos outros sujeitos?

2. O bilhete orientador se constitui como um índice de rasura ou de escrita?

3. Como se mostra a subjetividade do sujeito-autor em um processo de escrita permeado pelo discurso presente nos bilhetes orientadores da reescrita?

4. Quais as dificuldades enfrentadas pela aluna durante a reescrita de seu texto através da avaliação presente nos bilhetes orientadores?

5. Quais os movimentos mais realizados pela aluna: supressão, substituição, acréscimo ou rasura? O que o uso desses movimentos pode indicar com relação à Escrita/subjetividade do sujeito-autor?

Artigo de opinião – 1ª versão

Bom eu apoio (que) demolir as casas antigas, por quê? daqui alguns anos vão ter que tombar denovo, daí por diante, então é melhor derrubar para construir casas novas preservando o tempo histórico, e fazer prédios para pessoas

Na primeira versão do artigo de opinião de Júlia, percebemos que ela se mostra como sujeito-autor, pois apresenta sua opinião, que é a ideia de que os prédios históricos devem ser demolidos para a construção de novos prédios. A aluna mostra sua autoria, mesmo após o discurso presente nas aulas, que envolveram a questão da preservação do patrimônio histórico, com a presença de várias pessoas como: uma arquiteta, uma jornalista, uma guia turística – que acompanhou os alunos em uma visita aos prédios históricos de Bagé. Mesmo assim, Júlia constrói sua subjetividade na primeira versão do texto, em que se percebe facilmente um “Eu” (Júlia) que se enuncia a um “tu” (leitor). O primeiro texto de Júlia foi escrito a lápis. Nele, percebemos várias marcas de apagamento feitas pela aluna, o que demonstra que Júlia fez várias substituições de palavras e frases até encontrar a melhor forma de, através de seu dizer, expressar seu pensamento aos leitores. Não é possível identificar o que foi apagado, a única palavra que conseguimos identificar é a palavra “que”, na primeira linha, por isso colocamos essa palavra entre parênteses na transcrição do texto, por se tratar de uma palavra que foi apagada, porém consegue-se identificá-la através de marcas deixadas na superfície do texto.



Bilhete orientador

Júlia

Tente ser um pouco mais clara, vamos tentar organizar seu texto juntas, ok?

Em primeiro lugar, você deve dar um título para o texto. Pense em algo que chame atenção das pessoas, para que elas sintam vontade de ler seu texto.

Você deve ter em mente que as pessoas que irão ler seu texto não estão por dentro do assunto do qual você irá tratar, portanto você deverá informar seus leitores. Comece falando um pouco sobre o patrimônio histórico, sobre o que é, o que ele representa para os moradores de nossa cidade. Você pode falar também da questão da preservação e das diferentes opiniões a respeito.

Depois desta pequena introdução, você já pode se posicionar e apresentar seus argumentos. Qual é a sua opinião? Você é a favor ou contra a preservação do patrimônio? No seu texto você não deixa clara a sua opinião, pois no início você fala que é a favor a demolição das casas antigas e depois você diz que os prédios vão ter que ser tombados novamente. Esta questão não ficou clara, tente apresentar suas ideias de forma clara.

Não esqueça de concluir seu texto reforçando sua opinião, ok?

Bom trabalho!

Artigo de opinião – 2ª versão

Histórias de Bagé

Bom as histórias de Bagé são muito emocionantes para as pessoas que vivem aqui em bagé, sabemos que bajé é uma cidade cheia de histórias antigas, para lembrarmos com os pais, avós, tios, primos, amigos, que emociona a todos.

E com o tempo eles vão se esquecendo, más alguns não. O bom da cidade é que ela é cheia de lugares para passear com a família, amigos. Como a 7 de setembro, o museu, o cinema...;

E ainda tem que cuidar bem da nossa cidade para todos que vierem a Bagé seja lembrada a todos.

Na segunda versão do texto, Júlia dá um título a seu artigo, atendendo à sugestão do bilhete orientador. Percebemos, também, que, após ler o bilhete orientador do professor, Júlia deixa de se enunciar como sujeito-autor e sua escrita passa a apresentar-se como o que Signorini (2000) chama de ‘espelhamento’, ou seja, como uma recontextualização da palavra do outro (nesse caso do professor). Júlia utiliza-se de estratégias que permitam angariar a aprovação de seu leitor (o professor), ocorrendo, então, um apagamento do sujeito-autor. Isso porque Júlia defendia uma posição com relação à questão polêmica (a preservação ou não do patrimônio histórico) e o discurso presente no bilhete fez com que a aluna mudasse de opinião. Pode-se dizer que a enunciação de Júlia se apresentava na forma Eu – tu, em que ela demonstrava sua subjetividade através de sua Escrita e, após a leitura do bilhete, apresenta-se na forma eu – Tu, já que Júlia deixa de expressar o que pensa realmente e passa a dizer o que ela



imagina que seu leitor quer ouvir. Esse apagamento da autoria de Júlia pode ser explicado pelos questionamentos presentes no bilhete, como na linha 19, através de perguntas diretas: “Qual é a sua opinião? Você é a favor ou contra a preservação do patrimônio histórico?” Esse tipo de questionamento pode ter intimidado a aluna, que já demonstrava insegurança em deixar transparecer sua autoria, pois na primeira versão, como já foi mencionado, percebemos várias marcas de apagamento no texto de Júlia, demonstrando que ela realiza várias substituições até conseguir dizer o que pensa.

É importante ressaltar que ao receber a segunda versão de seu artigo com outro bilhete orientador, Júlia fala a seguinte frase para os colegas: “ela nunca gosta do que a gente escreve, sempre tem que fazer de novo”, referindo-se à professora. O que reforça a ideia de que a aluna esperava angariar a aprovação de seu leitor, apropriando-se de um discurso que ela imaginava ser o que o leitor (a professora) esperava ouvir. Como houve mais uma reescrita, Júlia demonstra sua decepção, através da frase descrita acima, por achar que seu texto ainda não estava de acordo com o que a professora queria.

Bilhete Orientador

Júlia

Seu texto ficou bem melhor, parabéns!

Suas ideias estão bem mais claras e organizadas e você escolheu um ótimo título.

Agora para melhorá-lo ainda mais, vamos pensar em algumas questões, está bem? Não há necessidade de manter a palavra “Bom” no início do texto, você já pode começá-lo por “As histórias...”

Na terceira linha você não precisa repetir a palavra Bagé pode dizer somente: “As histórias de Bagé são muito emocionantes para as pessoas que vivem aqui.”

Senti falta em seu texto da fala sobre o patrimônio histórico, sobre a discussão com relação à preservação, sobre os prédios históricos. Tente relacionar as histórias de Bagé ao patrimônio histórico, afinal a preservação dos prédios se dá justamente para que essas histórias não se percam.

No último parágrafo você pode substituir a palavra “ainda” por “na minha opinião”; “penso que” etc. Ainda no último parágrafo você poderia substituir a frase “para todos que vierem a Bagé seja lembrada a todos” por “para todos que vierem a Bagé lembrarem de sua história”.

Tente reescrever seu texto novamente pensando nestas questões a fim de melhorá-lo ainda mais.

Bom trabalho!

Artigo de opinião – 3ª versão

Histórias de Bagé

As histórias de Bagé são muito emocionantes para as pessoas que moram aqui, sabemos que a cidade é cheia de histórias antigas para serem lembradas por todos, pelos mais velhos, novos e até as pessoas que não moram aqui. Por isso é bom preservar o patrimônio histórico para que as pessoas que passam pela cidade lembrem-se de Bagé, e dos tempos antigos (como) as casas, as ruas, os prédios...

Tem vários lugares que são muito legais para passear com os amigos, família, para qualquer lugar da cidade pra você lembra velhos tempos, essa semana eu fui na velha casa de pedra, muito linda por sinal. E é por isso ~~que~~ temos que preservar o tempo histórico para lembrar das histórias antigas da nossa cidade.



Na terceira versão do artigo de Júlia, ela mantém o discurso que supostamente terá a aprovação de seu leitor (a professora) e faz os seguintes movimentos com relação à segunda versão do texto:

- a) Mantém o título que havia inserido na segunda versão por sugestão do bilhete;
- b) Supressão da palavra “Bom” no início do texto, atendendo à sugestão do bilhete;
- c) Substituição da palavra “vivem” por “moram” na segunda linha, essa substituição foi por conta da aluna e não do bilhete;
- d) Ainda na segunda linha, há a supressão da palavra Bagé, por solicitação do bilhete;
- e) Nessa mesma linha há, também, a substituição da palavra “Bagé” por “cidade”, isso se explica pela solicitação presente no bilhete para que Júlia evitasse repetições;
- f) Na terceira e quarta linha, Júlia substitui a frase “para relembrarmos com os pais, avós, tios, primos, amigos, que emociona a todos” por “para serem lembradas por todos, pelos mais velhos, novos e até as pessoas que não moram aqui”, essa substituição também foi por conta da própria aluna e não do bilhete;
- g) Existe, também, a supressão da frase “e com o tempo eles vão se esquecendo, mas alguns não” presente na segunda versão do texto, em troca, na terceira versão, há o acréscimo da frase “por isso é bom preservar o patrimônio histórico para que as pessoas que passam pela cidade lembrem-se de Bagé, e dos tempos antigos (como) as casas, as ruas, os prédios...”, a palavra “como” encontra-se entre parênteses por ter sido acrescentada após a escrita da frase, o que indica que a aluna ao reler a frase resolveu acrescentar essa palavra para obter melhor resultado semântico em seu texto. Percebe-se que essa palavra foi acrescentada depois por ela estar escrita sobre a expressão “as casas”, o que indica que essa expressão já havia sido escrita antes, não sobrando espaço para acomodar a palavra “como” na linha, essa palavra foi escrita sobre as demais;
- h) Houve, também, a substituição da frase “o bom da cidade é que ela é cheia de lugares para passear com a família, amigos. Como a 7 de setembro, o museu, o cinema...;” pela frase “tem vários lugares que são muito legais para passear com os amigos, família, para qualquer lugar da cidade pra você lembra dos velhos tempos”, essa substituição se deu por conta da aluna e não do bilhete;
- i) Percebemos, na terceira versão do texto, o acréscimo da informação “essa semana eu fui a velha casa de pedra, muito linda por sinal.”, o acréscimo dessa informação pode ser explicado pela sugestão do bilhete de que a aluna falasse sobre o patrimônio histórico, sobre os prédios históricos relacionando-os com as histórias de Bagé;
- j) No final do texto, há a substituição da frase “E ainda tem que cuidar bem da nossa cidade para todos que vierem a Bagé seja lembrada a todos” por “E é por isso que temos que preservar o tempo histórico para lembrar das histórias



antigas de nossa cidade”, essa substituição se dá pela sugestão do bilhete de que a aluna substituiu a palavra ainda e, também, a última frase para dar mais coesão ao texto.

No último parágrafo da terceira versão percebe-se a rasura da palavra “que”, indicando a supressão dessa palavra.

SUGESTÕES PARA A INTERVENÇÃO ATRAVÉS DO USO DOS BILHETES ORIENTADORES

Através da análise apresentada é possível perceber alguns aspectos com relação à escrita dos bilhetes orientadores que podem ter causado certa dificuldade para Júlia na hora de reescrever seu texto. Primeiro: a extensão dos bilhetes, que se apresentam mais como cartas. Considerando que Júlia já demonstrava certa insegurança na hora de apresentar-se como autora de seu texto, já que na primeira versão – em que ela se mostra como sujeito-autor – percebe-se várias marcas de apagamento, demonstrando que o Eu que se enunciava estava em conflito com seu eu interior, os bilhetes muito grandes podem ter intimidado ainda mais a autoria de Júlia. Segundo: a linguagem formal utilizada nos bilhetes, que se tivesse se apresentado de forma mais acessível, talvez em um mesmo nível de linguagem de Júlia, teria deixado a aluna mais à vontade para expressar sua opinião e não tentar garantir um discurso que ela supunha ser o que a professora esperava, permitindo que o discurso do outro prevalecesse sobre seu próprio discurso. Terceiro: a interferência do bilhete orientador na autoria de Júlia, pois o discurso utilizado no bilhete fez com que a aluna ficasse, de certa forma, intimidada a corresponder ao que supostamente a professora queria.

Com base nesses dados, nossas sugestões de intervenção pedagógica através do uso de bilhetes orientadores é a de que sejam tomados certos cuidados, como: não escrever bilhetes muito longos, que possam intimidar a escrita do aluno; utilizar uma linguagem mais acessível, considerando a linguagem do aluno e tentando aproximar-se dele através do uso de uma linguagem mais próxima a dele; tomar cuidado com o discurso presente no bilhete para não correr o risco de apagar a autoria do aluno, fazendo com que ele opte pelo tipo de enunciação eu – Tu ao invés da Eu – tu. No modelo de enunciação Eu - tu o sujeito-autor se enuncia deixando prevalecer o seu dizer ao do outro e, dessa forma, sua escrita se mostra como subjetividade – grafada como Escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise apresentada percebemos que a aluna Júlia se mostra como sujeito na primeira versão do texto, em que a sua escrita se mostra como Escrita - subjetividade. Porém, após a leitura do bilhete orientador, Júlia acaba tomando para si o discurso do outro e deixa que esse discurso prevaleça sobre o seu próprio dizer. Já era possível perceber certa insegurança de Júlia ao se enunciar como sujeito-autor, pelas marcas de apagamento deixadas na primeira versão do texto, demonstrando que ela fez várias substituições até conseguir dizer o que pensava.



Nas versões seguintes Júlia demonstra, também, muitas substituições, algumas por sugestão do bilhete, outras por conta própria, mas a diferença é que, nas demais versões, Júlia já não mais se enuncia como sujeito-autor, pois ela se apropria do dizer do outro, buscando a aprovação do leitor. Além da questão de mudar de opinião, essa apropriação do dizer do outro se evidencia, também, através da frase que ela enuncia ao receber a segunda versão de seu texto com outro bilhete orientador da reescrita: “ela nunca gosta do que a gente escreve, sempre tem que fazer de novo”, através desse dizer de Júlia, percebe-se a sua decepção, pois ela esperava ter dito o que a professora queria ouvir e, ao ter que reescrever novamente o texto, Júlia mostra-se surpresa.

Na terceira versão do artigo, Júlia continua com o discurso que ela imagina ser o que terá a aprovação da professora, e faz as alterações sugeridas pelo bilhete, além de outras que ela julga necessárias.

A partir dos dados apresentados, percebemos que o bilhete orientador ora se mostra como índice de rasura, ora de escrita. Ao escolher esse instrumento de intervenção, há que se tomar alguns cuidados para não correr o risco de interferir na autoria do aluno, nem de intimidá-lo com bilhetes extensos ou com o uso de uma linguagem muito formal. É preciso perceber a relação do aluno com seu texto, perceber como seu discurso se organiza, como ele consegue lidar com o discurso do tipo ‘monólogo’, ou seja, o Eu – eu, em que o Eu que se enuncia está em conflito com seu eu interior. Dessa forma, é possível, através da intervenção feita através do bilhete orientador, conseguir que a enunciação do aluno se mostre como Eu – tu ao invés de eu – Tu. Nesse sentido, o aluno, através de sua Escrita – subjetividade irá assumir a posição de sujeito-autor, dono de seu próprio dizer.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. Problemas de linguística geral I. 5ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 277-283.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. Problemas de linguística geral I. 5ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 284-293.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. Problemas de linguística geral II. 2ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-90.
- ENDUWEIT, Magali Lopes. A escrita enunciativa e os rastros da singularidade. Porto Alegre, 2006.
- GRESPLAN, Viviane Maria da Silva. A (re)escrita no processo de criação: um estudo enunciativo de rascunhos em oficina literária. São Leopoldo, 2010.
- PENTEADO, Ana Elisa de Arruda; MESKO, Wladimir Stempniak. Como se responde a um bilhete? Movimentos a partir desse instrumento de intervenção nas produções textuais em processo de reescrita. In.: SIGNORINI, Inês. (Org.) Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 71-91.
- SIGNORINI, I. O papel do relato no contexto de formação da alfabetizadora: percurso feito, percurso por fazer. In: KLEIMAN, A; SIGNORINI, I. (orgs.). Ensino e formação do professor. Alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000.



ABSTRACT: *We aim, in this study, to analyze the rewriting process of a students' opinion article, which is permeated by the evaluation done through the professor's guide ticket of in the context of learning/teaching of Portuguese as primary language. According to the Enunciation Linguistics theoretical background, which Emile Benveniste is the main name, we propose to analyze how the subject is constituted through its writing, in other words, our intention is analyzing the way that the subjectivity of the author-subject is formulated in the sense that this process is characterized by the encounter of various subjects. As an additional background we analyze studies done by Grespan (2010) e Endruweit (2006), and other authors, in order to investigate how this person shows yourself through linguistic marks and other marks that are the result of their drafts. As the results of this proposed investigation, we highlight the fact that the guide ticket is sometimes an index of erasure, and other times is an index of writing. This way, the use of this intervention instrument by teacher requires some attention in order to avoid the risk of intervention in the students' authroship or, in another specific case, it can intimidate him with long tickets or the use of very formal language, which contributes for the deleting the subject author.*

KEYWORDS: *Enunciation Linguistics. Subjectivity. Writing and Rewriting. Guide Ticket.*